



DBA «versus» PhD

Semelhanças e diferenças

por António Gomes Mota e Carlos Gonçalves

RESUMO: O presente trabalho analisa a fronteira entre um programa de DBA – «Doctor of Business Administration» e um programa de PhD, procurando clarificar o conceito do primeiro, no que pode ser considerado como uma contribuição para o conhecimento científico, analisando os aspectos metodológicos relacionados com a definição do projecto de investigação e, nestes dois contextos, a interligação entre «Teoria – Prática – Crítica – Teoria».

Palavras-chave: Contribuição, Objecto, Objectivo, Problema, Problemática, Crítica, Metodologia

TITLE: DBA vs. PhD: Similarities and differences

ABSTRACT: This paper analyses the frontier between a DBA and a PhD, aiming to clarify in the former the concept of a scientific contribution, analyzing the methodological dimension within the definition of the research project and the «Theory – Practice – Review – Theory» interaction in the DBA.

Key words: Contribution, Object, Objective, Problem, Review, Methodology

TÍTULO: DBA «versus» PhD: Similitudes y diferencias

RESUMEN: El presente trabajo analiza la frontera entre un programa de DBA «Doctor of Business Administration» (Doctor en Gestión de Empresas) y un programa de PhD, buscando aclarar el concepto del primero, en lo que puede ser considerado como una contribución para el conocimiento científico, analizando los aspectos metodológicos relacionados con la definición del proyecto de investigación y, en estos dos contextos, la vinculación entre «Teoría-Práctica-Crítica-Teoría».

Palabras clave: Contribución, Objeto, Objetivo, Problema, Problemática, Crítica, Metodología

A oferta em Portugal, no ano lectivo de 2006/07, do primeiro programa de *Doctor of Business Administration* (DBA)¹, coloca também, no nosso país, a necessidade de uma clarificação das diferenças face ao Doutoramento dito tradicional (PhD).

O DBA emergiu na década de 1990², e muito centrado nas universidades do Reino Unido e Austrália, havendo, no final dessa década, mais de 30 universidades que o ofereciam nestes países (Bourner, Ruggeri-Stevens e Bareham, 2000), a grande maioria das quais em paralelo com a ma-

nutenção do programa de PhD, evidenciando, assim, o claro propósito de construção e desenvolvimento de um novo tipo de programa, que se distinguísse do PhD no perfil dos alunos, objectivos e natureza da dissertação.

Os elementos distintivos do programa de DBA são a exibição de experiência profissional e preferência da posse de um MBA como programa pós-graduado (por oposição, num PhD, a um MSc e nenhuma experiência empresarial requerida) e um Doutoramento para profissionais de gestão que vão continuar a desenvolver predominantemente a sua

actividade em empresas, ou seja, profissionais de gestão que vão contribuir, no terreno, para a disseminação de melhores práticas de gestão (por oposição ao PhD, mais orientado para a carreira académica e visando primordialmente contribuir para a literatura académica).

Esta diferenciação de perfil dos alunos e objectivos do programa, tende a gerar, do mesmo modo, uma distinção na natureza e estrutura da dissertação. E, neste âmbito, avulta a problemática da contribuição, i.e., saber qual o contributo para o conhecimento expectável numa dissertação de DBA.

A problemática de «uma contribuição»

A questão do «modo» como um relatório doutoral pode ser considerado por um júri como uma «contribuição para o avanço do conhecimento» constitui, talvez, uma das questões mais complexas de um projecto de investigação e, em especial, de um DBA.

De acordo com Phillips (1992), podemos considerar sete alternativas para aquilo que pode ser entendido como «uma contribuição» de uma dissertação de um DBA, a saber:

- dizer alguma coisa acerca de um problema de gestão que ninguém tenha anteriormente dito;
- realizar um trabalho empírico numa empresa ou indústria que não tenha sido feito anteriormente;
- fazer uma síntese de uma «linha» (ou «corrente») de investigação aplicada à gestão que não tenha sido anteriormente feita;
- apresentar uma nova interpretação de práticas de investigação aplicadas à gestão e/ou à resolução de problemas empresariais;
- formular propostas para a resolução de um problema da indústria (sector de actividade económica) que não tenham sido anteriormente formuladas;

- utilizar uma técnica, uma metodologia ou um modelo particular e aplicá-la(o) a uma nova área da gestão;
- outra (a explicitar).

Pode admitir-se que estas alternativas constituem uma possível resposta à questão acima suscitada, tendo em vista a produção de um resultado final que leve um júri de avaliação a considerar que se está perante uma contribuição para o avanço das práticas (ou literatura) de gestão.

Uma orientação do programa de Doutoramento profissional, muito centrada nas contribuições para «um corpo de conhecimento teórico», corre o risco de tornar este programa de graduação demasiado académico, desvirtuando, desse modo, a filosofia e objectivos do mesmo.

Há, contudo, outro tipo de questões que são colocadas em torno de «uma contribuição». Segundo Perry e Cavaye (2004), «muitos académicos consideram que uma contribuição não é uma parte importante, mesmo numa tese de PhD, e questionam mesmo se uma dissertação de DBA necessita de ter uma contribuição para um corpo de conhecimento académico como um critério de avaliação». Acresce, ainda, que uma orientação do programa de Doutoramento profissional, muito centrada nas contribuições para «um corpo de conhecimento teórico», corre o risco de tornar este programa de graduação demasiado académico, desvirtuando, desse modo, a filosofia e objectivos do mesmo, a saber: «o DBA pretende contribuir para a qualificação, a um nível muito elevado, de profissionais com intervenção activa, enquanto dirigentes e consultores nas organizações»³.

Esta abordagem coloca a ênfase de uma dissertação de

António Gomes Mota

gomes.mota@iscte.pt

Doutor em Gestão (ISCTE). Professor Catedrático do ISCTE. Presidente da ISCTE Business School, Lisboa, Portugal.

PhD in Management (ISCTE). Full Professor of ISCTE. President of ISCTE Business School, Lisbon, Portugal.

Doctor en Gestión (ISCTE). Profesor Catedrático del ISCTE. Presidente de la ISCTE Business School, Lisboa, Portugal.

Carlos Gonçalves

carlos.goncalves@iscte.pt

Doutor em Gestão (ISCTE). Professor Auxiliar do ISCTE. Coordenador da Comissão Pedagógica da ISCTE Business School, Lisboa, Portugal.

PhD in Management (ISCTE). Auxiliary Professor of ISCTE. Coordinator of the Pedagogic Commission of ISCTE Business School, Lisbon, Portugal.

Doctor en Gestión (ISCTE). Profesor Auxiliar del ISCTE. Coordinador de la Comisión Pedagógica de la ISCTE Business School, Lisboa, Portugal.

Recebido em Setembro de 2006 e aceite em Dezembro de 2006.

Received in September 2006 and accepted in December 2006.



DBA nas implicações para a melhoria das «práticas de gestão» e, deste modo, as duas primeiras alternativas, acima apresentadas, parecem merecer algum consenso da comunidade académica, Phillips (1994) e Perry *et al.* (2001). No entanto, as restantes alternativas podem, também, ser consideradas como vias a utilizar pelo doutorando de um programa DBA, alargando, deste modo, o seu leque de alternativas⁴.

O «focus» da investigação

Considerando-se que a investigação deverá estar orientada, como acima se referiu, para dar uma contribuição original para a melhoria das práticas de gestão, num determinado contexto profissional (Morley, 2004, p. 367), o doutorando DBA deverá começar por fazer uma reflexão sobre o contexto profissional em que tem desenvolvido as suas competências em gestão e identificar, nesse contexto, uma situação, um caso ou um problema que, pela sua dimensão (ou impacto) nos actos de gestão empresarial, mereça a pena investigar.

Concordamos com Popper (1999) na afirmação de que «o trabalho do cientista não começa com a recolha de dados», mas sim com a «escolha apurada» de um «problema promissor» e que «seja significativo» numa «problemática», teoricamente determinada e historicamente situada no presente.

Tendo em consideração a provável heterogeneidade dos percursos profissionais dos doutorandos DBA e, pensando naqueles que, numa fase inicial da sua investigação, estão hesitantes quanto ao seu objecto de investigação, sugere-se, a título meramente exemplificativo, um possível procedimento que poderá ajudar a desbloquear eventuais situações de impasse.

Assim, os doutorandos que estiverem na situação que acabámos de referir, podem:

- pensar a «empresa» como um todo, interagindo com as envolventes interna (ou meio ambiente interno) e externa, e encontrarem aí a informação de que carecem para identificarem um problema, ou uma situação anómala, que afecte de forma persistente o todo, delimitando, deste modo, o seu objecto de estudo;
- centrar-se nos «processos» da organização (e.g., processo de inovação; processo de qualidade; processo de planea-

mento; processo de organização de trabalho; processo de criação e partilha de conhecimento; processo de recolha e tratamento da informação) e encontrar nestes o *leit motiv* da sua investigação, pois, se identificarem, num desses processos, anomalias que possam ser corrigidas, poderão contribuir para a melhoria do desempenho da gestão;

- centrar-se nas «pessoas» e, em particular, nas suas competências; no modo como são geridas; na adequação do estilo de liderança aos objectivos e estratégias da organização, tendo em consideração as competências do agregado humano da empresa.

Embora o *locus* principal esteja centrado em cada uma destas vertentes, não deve ser ignorada uma visão de conjunto, comportando múltiplos reenvios e interacções, ou seja, a principal problemática pode estar, por exemplo, centrada nas pessoas e, nesse sentido, ser aí que seja identificado o principal problema a investigar. Porém, isso não significa que não se analise as suas interacções com os processos e a empresa como um todo, tendo, contudo, a preocupação de não aprofundar a análise destas duas últimas componentes, pois tal procedimento poderá levar o investigador a desviar-se daquilo que se considera ser o objecto central. Estas componentes poderão ser retomadas na parte final da dissertação como «contributos para futuras investigações».

Interligação «Prática – Teoria – Crítica – Prática» (PTCP)

A delimitação do objecto (ou «campo») de investigação constitui um passo importante na construção do projecto de investigação. É dele (e nele), aliás, que emerge (e está) a área temática em que vai incidir a investigação. Mas não basta identificar um problema que merece ser investigado, bem como a área temática na qual o mesmo se enquadra; é também necessário caracterizá-lo quer quanto à sua topologia, quer quanto à sua tipologia, bem como as razões e/ou motivações que justificam a sua investigação. Esta problemática prende-se com a necessidade de definir de forma clara o «objectivo» da investigação a ser feita.

A definição do objectivo deve ser coerente e convergente com a problemática identificada no objecto da investigação. O objectivo constitui uma proposta de um resultado que se pretende atingir, consistindo este, normalmente, numa pos-

Quadro
DBA «versus» PhD: Semelhanças e diferenças

REQUISITOS PARA ADMISSÃO NO PROGRAMA	DBA	PhD
Graduação acadêmica	MBA ou equivalente	MSc
Qualificações	Experiência significativa em gestão	Experiência docente e/ou de investigação
Práticas de investigação	Não obrigatórias	Obrigatórias

FOCO DO PROGRAMA	DBA	PhD
Destinatários	Gestores e profissionais da gestão	Docentes e/ou investigadores
Objectivos	Desenvolver competências para dar um contributo original significativo para as práticas de gestão ¹	Aprofundar competências para dar um contributo original para o avanço do conhecimento científico
Investigação	A precisão de pensamento e de expressão, bem como a consciência daquilo que outros escreveram sobre o tópico objecto de investigação, orientados para o contexto profissional	A precisão de pensamento e de expressão, bem como a consciência daquilo que outros escreveram sobre o tópico objecto de investigação, orientados para o desenvolvimento da ciência
Incidência da investigação	Sobre um problema de gestão de uma empresa ou de uma indústria	Sobre a literatura, uma teoria, uma metodologia, um paradigma, etc.

RELATÓRIO DOUTORAL	DBA	PhD
Formato	Dissertação	Tese
Extensão	Pouco extenso, dado que o doutorando já possui um MBA e experiência profissional, podendo variar entre 45 000 e 50 000 palavras	Extenso, variando entre 50 000 e 60 000 palavras, podendo atingir um máximo de 100 000 palavras
Ênfase	Mais acentuada nas implicações para a gestão e menos acentuada na teoria	Mais acentuada nos fundamentos teóricos
Estilo/linguagem	Linguagem mais rigorosa e mais profunda do que a do gestor ou do consultor, permitindo uma compreensão mais ampla do problema num registo académico	Terá de respeitar os preceitos e normas de produção científica
Conclusões	Deverá apresentar conclusões e implicações para uma audiência mais vasta do que a empresa	Deverá apresentar conclusões e implicações para o avanço da ciência



sível (ou desejada) solução para o problema identificado. Neste sentido, a sua formulação deverá começar com um verbo no infinito, por exemplo, «propor» um novo modelo de avaliação do desempenho de..., com vista a...; «elaborar» uma nova metodologia para melhoria a competitividade de ...; etc.

Admitimos, concordando com Popper (1999), «que todos os problemas brotam de alguma espécie de conhecimento», ou seja, todos os problemas estão impregnados de «teoria antecipadora» (Popper, 1975). Assim, «o progresso da ciência reside essencialmente na evolução dos seus problemas», podendo «ser avaliado pela crescente sofisticação, riqueza, fertilidade e profundidade dos problemas» (Popper, 1999).

Consideramos que a perspectiva de Popper (1999), sobre o «progresso da ciência», é aplicável a qualquer projecto de investigação científica, e, neste sentido, também ao caso específico de um DBA, em que os problemas a investigar são, essencialmente, de «natureza prática».

No pressuposto considerado pelo «racionalismo crítico» de Popper (1999) de «que a ciência começa e termina sempre por problemas», importa-nos desdobrar a informação implicada no termo ou palavra «problema», o qual tem a sua origem no grego *proballein* que significa lançar, atirar ou propor, podendo, em termos gerais, ser sinalizado como problema tudo aquilo que se opõe ou resiste à penetração da inteligência. Assim, podemos afirmar que alguma coisa é um problema, quando a mesma se constitui como uma incógnita ou uma dificuldade a resolver.

Em ciência, a noção de problema reveste-se de alguma complexidade, no sentido em que cada problema incorpora teoria antecipadora e, assim, cada problema é constituído por um padrão, configurado por um certo saber do não saber (Costa Freitas, 1992), que procura um outro padrão que possa ser sintetizado por esquema explicativo plausível.

Deste modo, o exercício de formulação, interpretação ou compreensão de um problema constitui uma exigência metodológica do trabalho científico que implica uma necessidade de aprendizagem, porque cada problema é uma singularidade, ou seja, é único, irrepetível e inconfundível, e, neste sentido, é um existente e também um referente que tem de ser interpretado na sua especificidade.

Por isso, um problema, enquanto tal, identificado pela

comunidade científica, pode exigir práticas científicas, a saber, as de aprender a compreender um problema – tal como Popper (2003) afirma «nós não somos estudantes de uma qualquer matéria, mas estudantes de problemas» e, por vezes, a única maneira de compreendermos um problema é através de procedimentos de «tentativa/erro/discussão crítica» (Popper, 1999).

Na interligação entre a «prática» e a «teoria», é importante notar que «os problemas práticos podem originar problemas teóricos» e, igualmente, «os problemas teóricos podem originar problemas práticos», estando, estes últimos, relacionados com a necessidade de explicar o como e o porquê do problema prático que está a ser investigado (Popper, 1999). Veja-se, por exemplo, o problema de uma estrutura financeira desequilibrada, com uma elevada insuficiência de fundo de manuseio e com fortes repercussões na tesouraria da empresa e, por conseguinte, no risco financeiro (risco de liquidez ou de solvência).

O estudo deste problema prático pode levar o investigador

São estes reenvios sistemáticos entre os problemas práticos e os problemas teóricos, que fazem crescer a base de conhecimentos do investigador, ou seja, o seu conhecimento tácito/explicito e, à medida que aprende a compreender cada vez melhor o problema, tentará ajustar ou corrigir a teoria, ou substituí-la por outra.

a ter de recorrer a teorias financeiras que lhe permitam compreender as causas relevantes do problema em questão, podendo utilizar, por exemplo, teorias do equilíbrio financeiro ou teorias da estrutura financeira. Porém, estas teorias podem não ser suficientes (ou adequadas) para a compreensão do problema em estudo e surgem, deste modo, novos problemas que poderão repetir-se continuamente.

Estes problemas teóricos poderão estar relacionados com «dificuldades internas das teorias iniciais», a sua insuficiência explicativa, por exemplo, ou «discrepâncias entre a teoria e os factos» e, nestas situações, o investigador, «desiludido com as 'velhas' teorias», nas quais ele pensava encontrar os fundamentos de que necessitava, terá que procurar resposta noutra tipo de teorias, por exemplo, na teoria da decisão ou

em teorias comportamentais, ou então propor «um ajuste nas 'velhas' teorias» pois, de outro modo, não consegue compreender correctamente o problema que se propõe investigar (Popper, 1999).

São estes reenvios sistemáticos entre os problemas práticos e os problemas teóricos, que fazem crescer a base de conhecimentos do investigador, ou seja, o seu conhecimento tácito/explicito e, à medida que aprende a compreender cada vez melhor o problema, tentará ajustar ou corrigir a teoria, ou substituí-la por outra. Por conseguinte, neste processo de tentativa e erro, o investigador vai aprendendo a desenvolver o espírito crítico face às suas tentativas, além de descobrir onde residem as suas dificuldades, aprende com os seus erros e os seus fracassos, por uma espécie de método de *feedback* (Popper, 1999).

Pode dizer-se, de um modo simplificado, que o método da ciência integra o método pré-científico de aprendizagem a partir dos erros. Esta integração é feita por intermédio de um mecanismo chamado discussão crítica (Popper, 1999).

Numa perspectiva Popperiana sintetizada, pode considerar-se o seguinte critério metodológico:

- identificar e seleccionar um problema com o qual o investigador se depare casualmente, ou do qual conheça os contornos principais;
- tentar resolvê-lo, propondo uma teoria, um método, um procedimento ou um modelo como tentativa de solução;
- discutir criticamente as teorias subjacentes à problemática, de modo a aumentar o conhecimento através da eliminação de alguns erros e, deste modo, aprender a compreender os problemas e as teorias, bem como a necessidade de encontrar novas soluções;
- verificar que a discussão crítica, mesmo a que tem por objecto as melhores teorias, revela sempre novos problemas.

Estes quatro passos podem ser traduzidos em quatro palavras que sintetizam os aspectos essenciais do método científico de Popper: Problemas - Teorias - Críticas - Novos Problemas (P-T-C-P).

Das quatro regras metodológicas que acabámos de apresentar, importa-nos destacar o papel da crítica. Termo com origem no grego *krinein* que significa julgar, como um critério que distingue o verdadeiro do falso. A crítica adequa-se

aos critérios de investigação científica como um operador de racionalidade para razões de verdade reflexiva, quando se pretende obter juízos de síntese, operando no próprio juízo como razão determinante.

Deste modo, o exercício crítico aplica-se à tentativa de «descobrir (e eliminar) um erro, um defeito ou uma falha 'dentro' da teoria/prática» (Popper, 1999).

É precisamente este processo de reenvios sistemáticos, ou, nas palavras de Popper, de *feedback* negativo, que garante, na construção dos enunciados científicos, a sua objectividade. A discussão crítica permite evidenciar na teoria, questionando-a, as consistências ou inconsistências da mesma com vista à sua aceitação ou refutação.

Conclusão

No Quadro apresentado procurámos fazer uma síntese das principais semelhanças e diferenças entre um DBA e um PhD. No que se refere às semelhanças, ambos utilizam metodologias de investigação científica e conferem, aos investigadores, o grau de Doutor. No que se refere às diferenças, uma investigação em DBA não visa a construção de nova teoria, pois aquilo que se pretende é que o doutorando aplique criticamente teorias já existentes à resolução de problemas de gestão.

No entanto, se durante o processo de investigação, o doutorando identificar inconsistências nessas teorias, ou substitui as mesmas teorias por outras teorias alternativas existentes, ou, no caso de as mesmas não existirem, pode concluir da necessidade de construção de uma nova teoria que resolva o problema em questão, não lhe cabendo, contudo, construir essa nova teoria. Nesta situação, o contributo do doutorando para a ciência e para a gestão seria o da identificação de um problema que necessitaria de uma nova teoria, através da qual o mesmo pudesse ser resolvido.

Para uma investigação em PhD, além dos procedimentos e contributos já considerados na investigação em DBA, pode considerar-se também como desejável a proposta, ou mesmo a construção, de novas teorias que possam resolver problemas de gestão.

Tendo em conta as diferenças na natureza do trabalho a desenvolver no seio do DBA e no seio do PhD, segue-se, como foi referido, que o âmbito e extensão de uma disser-



tação de DBA é menor do que o âmbito e extensão de uma tese de PhD.

Uma outra diferença relevante, como referimos, diz respeito aos destinatários finais da tese, o que condiciona o próprio discurso da mesma. Enquanto que no PhD é a própria academia o destinatário da tese, sendo a comunidade empresarial um destinatário indirecto (em particular, no que diz respeito às aplicações), no DBA a comunidade empresarial é o destinatário principal e a academia um destinatário secundário. ■

Notas

1. Grau oferecido pela ISCTE Business School, Lisboa, com a designação, em português, de Doutoramento em Gestão Empresarial Aplicada.

2. A designação tem, no entanto, uma já longa tradição de utilização nos EUA – sendo, porventura, o caso da Harvard Business School o mais emblemático –, que, contudo, representa programas de Doutoramento com uma tradicional filosofia de PhD (não há em praticamente nenhum caso a coexistência na mesma universidade das duas designações). Assim, a origem da designação está numa tentativa de autonomização do campo de investigação, face às outras áreas de conhecimento, no quadro da própria afirmação das Ciências de Gestão.

3. In brochura do DBA da ISCTE Business School, p. 2.

4. Estas alternativas são convergentes com a «caracterização do projecto de investigação», apresentada na brochura da ISCTE Business School, e contribuem para a sua explicitação.

5. Adaptado de T. Bouner *et al.* (2000), p. 494.

Referências bibliográficas

- BLACKBURN, Simon (1997), **Dicionário de Filosofia**. Trad. de Desidério Murcho, Pedro Galvão, Ana Cristina Domingues, Pedro Santos, Clara Joana Martins, António Horta, Gradiva, Lisboa.
- BOURNER, T.; BOWDEN, R. e LAING, S. (2001), **Professional Doctorates in England**. *Studies in Higher Education*, vol. 26(1), p. 65.
- BOURNER, T.; RUGGERI-STEVENS, Geoff e BAREHAM, Jon (2000), **The DBA: Form and Function**. Education and Training 42, pp. 481-495.
- COMTE, August (1998), **Cours de Philosophie Positive**. Hermann, Paris.
- FREITAS, Manuel C. (1992), **Problema**. In *Logos, Enciclopédia Luso-Brasileira de Filosofia*, vol. 4, Editorial Verbo.
- KUHN, Thomas S. (2000), **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira, Editora Perspectiva, S. Paulo.
- KUHN, Thomas S., **Lógica da Descoberta ou Psicologia da Pesquisa?** Princeton University, In *A Crítica e o Desenvolvimento do Conhecimento*, org. por Imre Lakatos e Alan Musgrave (1979), trad. de Octávio Mendes Cajado, Editora Cultrix, Editora da Universidade S. Paulo, S. Paulo.
- KUHN, Thomas (1989), **A Tensão Essencial**. Trad. de Rui Pacheco, Edições 70, Lisboa.
- LAKATOS, Imre (1998), **História da Ciência e suas Reconstruções Racionais**. Trad. de Emília Picado Tavares Marinho Mendes, Edições 70, Lisboa.
- LAKATOS, Imre (1999), **Falsificação e Metodologia dos Programas de Investigação Científica**. Trad. de Emília Picado Tavares Marinho Mendes, Edições 70, Lisboa.
- QUINE, W. (1980), **Two Dogmas of Empiricism in from a Logical Point of View**. 2.ª ed., Cambridge, MA e London, Harvard University Press.
- MORLEY, Clive (2004), «Valuing professional practice: The role of the University in professional doctorates». *International Journal of Organisational Behaviour*, vol. 7(5), pp. 366-375.
- PERRY, Chad e CAVAYE, Angele (2004), «Australian Universities' Examination Criteria for DBA Dissertations». *International Journal of Organisational Behaviour*, vol. 7(5), pp. 411-421.
- PETERS, F. E. (1974), **Termos Filosóficos Gregos, Um Léxico Histórico**. Trad. de Beatriz Rodrigues Barbosa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- PHILLIPS, E. (1992), «The PhD – Assessing Quality at Different Stages of Development». In **Starting Research – Supervision and Training**, O. Zuber-Skerritt (ed.), Tertiary Education Institute, University of Queensland, Brisbane.
- PHILLIPS, Estelle M. e PUGH, Derek S. (1998), **Como Preparar um Mestrado ou Doutoramento**. Trad. de Cristina Pinhão e Paula Moutinho, Lyon Multimédia Edições, Mem Martins.
- POPPER, Karl R. (1999), **O Mito do Contexto, Em Defesa da Ciência e da Racionalidade**. Edições 70, Lisboa.
- POPPER, Karl R. (2003), **Conjecturas e Refutações**. Trad. de Benedita Bettencourt, Livraria Almedina, Coimbra.
- POPPER, Karl R. (1975), **Conhecimento Objectivo**. Trad. de Milton Amado, Editora Itatiaia; Editora da Universidade S. Paulo, Belo Horizonte.